RESENHA BIBLIOGRÁFICA

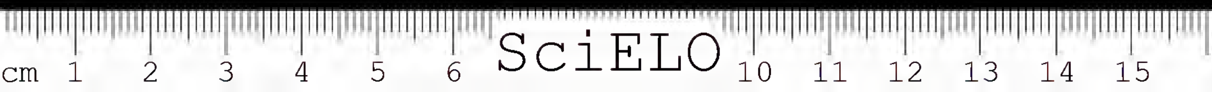
DAVIS, Wade. 1996. *One River: Explorations and discoveries in the Amazon rain forest*. New York, Simon & Schuster.

William L. Overal[1]

Autor e etnobotânico Wade Davis tece os fios do destino que uniram as vidas de três importantes botânicos, Richard E. Schultes, Timothy Plowman e Richard Spruce, cujas histórias convergem na Amazônia e são entrelaçadas como as árvores e cipós das florestas que estudaram. O livro *One River* é, ao mesmo tempo, uma feliz saudação para o professor Schultes, agora emérito entre os sábios da flora amazônica, e um elogio para o colega Plowman, tragicamente falecido em 1989 no meio de uma carreira brilhante. Richard Spruce, eminente naturalista viajante da época vitoriana, está atrás de cada página desta história, como herói e modelo dos dois modernos seguidores de suas paixões pelas plantas e paisagens amazônicas.

Plowman e Davis viajaram nos Andes e na Amazônia ocidental entre 1974 e 1975, visitando e convivendo com as tribos indígenas, a fim de determinar a origem e as relações das espécies de coca ou epadu (*Erythroxylum* spp.), a fonte da cocaína. A viagem, cheia de aventuras e novidades, foi incentivada pelo professor Schultes, que orientou os dois jovens etnobotânicos. Os dois acabaram por entrar no mundo que

[1] PR-MCT/CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi. Deptº de Zoologia – Pesquisador Titular. Caixa Postal 399. CEP 66040-170, Belém-PA.

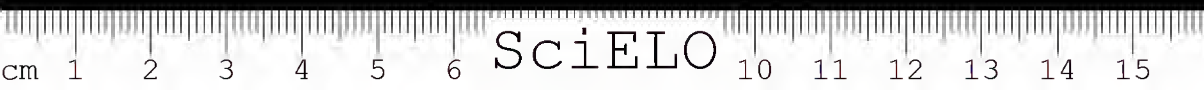


Schultes descobriu quase quatro décadas antes, voltando repetidas vezes atrás de soluções para questões ligadas à etnobotânica.

Em 1941, o Professor Schultes chegou, também jovem, na Amazônia. Inicialmente pesquisou as plantas venenosas, halucinogênicas e medicinais dos índios e comunidades tradicionais, mostrando para o mundo a riqueza inesperada da farmacopéia dos povos da floresta. Durante e depois da Segunda Guerra Mundial, ele permaneceu na região, adentrando na floresta para localizar seringais nativos e estimular a extração de látex, matéria prima crítica para os esforços bélicos dos aliados. Navegou rios desconhecidos e visitou tribos ainda sem contato com os brancos. No todo, coletou mais de 20.000 exemplares ("números") botânicos, incluindo mais de 300 espécies novas para a ciência. Em mais de 80 trabalhos e quatro livros publicados, ele documentou os conhecimentos valiosos de pajés e curandeiros, verdadeiros acervos vivos de conhecimentos da flora. Seu livro *The Healing Forest* (ainda sem tradução para o português) lista mais de 2500 espécies vegetais de uso medicinal na Amazônia ocidental. Hoje Schultes é, sem dúvida, o maior especialista, em todo mundo, sobre a etnobotânica do seu querido noroeste amazônico.

Esta biografia de Schultes é uma inspiração aos que contribuiriam à etnobotânica da região. O caminho está aberto para outros, uma vez que a sabedoria dos índios é vasta e o tempo que resta lamentavelmente parece curto para documentar a relação entre os povos e a flora, antes que um dos dois (ou os dois) seja irreparavelmente destruído. Este é um desafio para a nossa geração.

Recomendo este livro aos leitores que querem saber como era a fase de exploração botânica da Amazônia nas décadas de 1940s a 1970s, quando grandes estudiosos da flora, como Schultes, João Murça Pires, José Cuatrecasas, Adolpho Ducke e outros começaram a coletar sistematicamente nas mais remotas localidades da Amazônia. Hoje em





dia, a dificuldade de chegar ao lugar de nossos estudos é bem menor. Foi para mim uma surpresa agradável encontrar neste livro as histórias da vida de Plowman e Schultes, uma vez que não há menção a nenhum dos dois no título ou subtítulo da obra.

